

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES

CAMPUS DE ERECHIM

DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E SAÚDE MENTAL

CRISTIANE DEON

**AS VIVÊNCIAS DA PARENTALIDADE ADOTIVA NA PERSPECTIVA DE PAIS
COM FILHOS BIOLÓGICOS**

ERECHIM -RS

2018

CRISTIANE DEON

**AS VIVÊNCIAS DA PARENTALIDADE ADOTIVA NA PERSPECTIVA DE PAIS
COM FILHOS BIOLÓGICOS**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica e Saúde Mental, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Saúde Mental. Departamento de Pós-graduação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim

ERECHIM – RS

2018

CRISTIANE DEON

**AS VIVÊNCIA DA PARENTALIDADE ADOTIVA NA PERSPECTIVA DE PAIS
COM FILHOS BIOLÓGICOS**

**Monografia apresentada para obtenção do
título de Especialista em Psicologia Clínica e
Saúde Mental, no Curso de Pós-Graduação
em Psicologia Clínica e Saúde Mental.
Departamento de Pós-graduação da
Universidade Regional Integrada do Alto
Uruguai e das Missões – Campus de Erechim**

Erechim, 29 de Novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Angélica Paula Neumann

URI – Erechim

Prof^a. Cassandra Cardoso

URI – Erechim

Prof^a. Dr^a. Eliana Piccoli Zordan

Psicóloga CRP 07/01.563

“(...) o amor da gente é tão grande que chega a doer (...) é um sentido assim de um amor de mãe (...) mãe coração, barriga, é mãe, é pai, não tem... o importante é esse amor que a gente sente né por eles e vice e versa, que a gente sente que eles nos dão também”.

(Casal D – Pais de 4 filhos adotivos)

RESUMO

O exercício da parentalidade é em si mesmo um momento complexo para os pais. Contudo, na situação em que estes vivenciam simultaneamente a parentalidade biológica e a adotiva, torna-se um momento ainda mais desafiador. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo investigar como é vivenciada a parentalidade adotiva na perspectiva de pais que já experienciam a parentalidade biológica. A pesquisa seguiu um delineamento qualitativo de corte transversal, do tipo exploratória, na qual se adotou o estudo de casos múltiplos como estratégia metodológica. Participaram da pesquisa, quatro casais de pais, casados ou em união estável, que vivenciam de forma simultânea a parentalidade biológica e a adotiva. Os resultados mostraram que as vivências da parentalidade adotiva na perspectiva de pais com filhos biológicos traz à família muito mais mudanças e adaptações comparadas com a parentalidade biológica. A partir dos discursos dos pais, notou-se que, embora eles tenham experienciado a parentalidade biológica, a chegada de um filho por adoção e a vivência da parentalidade adotiva é sentida de forma mais intensa.

Palavras-chave: Adoção. Parentalidade biológica. Parentalidade adotiva.

ABSTRACT

The exercise of parenting is itself a complex time for parents. However, in the situation in which they simultaneously experience biological and adoptive parenting, it becomes an even more challenging time. Therefore, this research had as objective to investigate how is experienced the adoptive parenting from the perspective of parents who already experience biological parenting. The research followed a qualitative cross-sectional, exploratory type design, in which multiple case studies were adopted as a methodological strategy. Participated in the research, four pairs of parents, married or in stable union, who simultaneously experience biological and adoptive parenting. The results show that the experiences of adoptive parenting from the perspective of parents with biological children brings to the family much more changes and adaptations compared to biological parenting.

Keywords: Adoptive. Biological parenting. Adoptive Parenting

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PROBLEMA	8
3 OBJETIVOS	9
3.1 Geral	9
3.2 Específicos	9
4 REVISÃO DE LITERATURA	10
4.1 Parentalidade	10
4.2 Parentalidade adotiva	11
5 METODOLOGIA	13
5.1 Participantes	13
5.2 Procedimentos de coleta de dados	14
5.4 Procedimentos de análise de dados	15
5.5 Procedimentos éticos	16
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
6.1 Descrição dos casos	17
6.1.1 Casal A	17
6.1.2 Casal B	17
6.1.3 Casal C	17
6.1.4 Casal D	18
6.2 Análise cruzada dos casos	18
6.2.1 Constituição da parentalidade biológica e adotiva	18
6.2.2 Vivenciando a parentalidade	25
6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS E APÊNDICES	33
ANEXO A	34
APÊNDICE A	35
APÊNDICE B	36
APÊNDICE C	37

1 INTRODUÇÃO

O exercício da parentalidade é em si um momento complexo para os pais. Contudo, na situação em que estes vivenciam simultaneamente a parentalidade biológica e a adotiva, torna-se um momento ainda mais desafiador, com exigências muitas vezes semelhantes, mas ainda assim com as suas diferenças. A tarefa parental pode ser permeada por diversos sentimentos tanto em relação ao filho(a) adotivo e sua história de vida anterior, quanto em relação às reverberações da adoção no desenvolvimento do filho(a) biológico.

A chamada transição para a parentalidade constitui um momento de especial atenção no ciclo vital familiar, período no qual os futuros pais precisam promover diversos ajustes para a chegada do filho, seja ele biológico ou adotivo. Estes ajustes envolvem tanto aspectos materiais e de rotina como de estruturação do psiquismo e de construção das identidades materna e paterna, justamente pela assunção de novos papéis sociais e familiares (OTUKA, et al., 2012).

De maneira geral, as pesquisas sobre o tema parentalidade são polarizadas em torno dos estudos sobre a transição para a parentalidade no contexto biológico ou dentro do contexto da adoção, mas raramente utilizando-se como marco ambas as formas de exercício parental, em um mesmo arranjo familiar (OTUKA, et al., 2013). Percebendo a necessidade de mais estudos focados nessa temática, a presente pesquisa buscou investigar como é vivenciada a parentalidade adotiva na perspectiva dos pais que já experienciam a parentalidade biológica, podendo assim contribuir para novas reflexões, permitindo avanços na compreensão das peculiaridades da dinâmica de famílias que, mesmo após terem seus filhos biológicos, optam pela adoção.

2 PROBLEMA

Como é vivenciada a parentalidade adotiva na perspectiva de pais que experienciam simultaneamente a parentalidade biológica?

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Investigar como é vivenciada a parentalidade adotiva, na perspectiva dos pais que já experienciam a parentalidade biológica.

3.2 Específicos

- Compreender como foi a transição dos participantes para a parentalidade biológica.
- Averiguar os aspectos envolvidos na escolha pela adoção.
- Verificar o tempo de vivência da adoção pelo casal.
- Relatar a percepção dos pais diante do processo de transição e construção da parentalidade adotiva.
- Identificar como a família se preparou para a adoção.
- Analisar as modificações ocorridas na família após a adoção.
- Compreender quais são os desafios vivenciados pelos pais perante as duas formas de parentalidade biológica e adotiva.
- Entender como os pais têm manejado estes desafios.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Parentalidade

O termo parentalidade, traduzido do francês *parentalité*, como um neologismo, passou a ser utilizado no Brasil a partir de 1980. Inicialmente, foi empregado por Paul-Claude Racamier no início de 1960, para destacar o processo dinâmico implicado no exercício das funções dos pais em relação aos filhos. Esse conceito vem sendo utilizado na contemporaneidade em diferentes abordagens teóricas, para indicar o processo dinâmico que os pais vivenciam, isto é, o processo de se tornar e de ser pai e mãe. Este processo vai além do biológico e envolve aspectos conscientes e inconscientes, que passam pela história da família de cada um dos pais e pelo contexto sociocultural (HOUZEL, 2004).

Para Lebovici (2004), a parentalidade vem a ser um conjunto das representações, dos afetos e dos comportamentos do sujeito com seus filhos, sejam eles nascidos ou não. Para além da procriação e da função biológica, é produto do processo de se tornar pai e mãe. Envolve uma reflexão sobre a descendência que implica em um complexo processo psíquico simbólico, que articula diferentes perspectivas teóricas num contexto psicossocial.

O conceito de parentalidade, portanto, contém a ideia da função parental e a ideia de parentesco, bem como a história da origem do bebê e das gerações que precedem seu nascimento (SOLIS-PONTON, 2004). Assim, a parentalidade não se limita apenas à gestação e ao nascimento de um filho, uma vez que as identificações feitas na infância, as brincadeiras e as fantasias, influenciam e podem determinar a forma como cada sujeito exercitará a parentalidade. Nesse sentido, o modelo de criação que uma pessoa recebeu, suas influências culturais e históricas e, principalmente, suas referências familiares repercutirão diretamente no modo como criarão e educarão seus filhos (STERN, 1997; ZORNIG, 2010; GRIZÓLIO et al., 2015). O processo de se tornar pai e/ou mãe geralmente desencadeia um movimento interno de reflexão e aceitação a respeito de sua própria ascendência e história de vida anterior (LEBOVICI, 2004). A partir do momento em que o casal passa a desempenhar as funções de pai e mãe, essa transição para a parentalidade se configura como um momento delicado no ciclo vital familiar, pois é um período no qual ambos precisam promover diversos ajustes para a chegada do(a) filho(a), seja ele biológico ou adotivo (CECÍLIO; COMIN-SCORSOLINI, 2016). Durante esse período, novos papéis precisam ser aprendidos, novos relacionamentos desenvolvidos e os já existentes necessitam ser reordenados, onde os pais, tanto biológicos quanto adotivos, precisam encontrar um equilíbrio frente às demandas e tarefas

(HERNANDEZ; HUTZ, 2009; BORSA; NUNES, 2011).

4.2 Parentalidade adotiva

O casal que se insere no caminho da maternidade e da paternidade carrega consigo uma bagagem da sua história repleta dos mais variados sentimentos, independente de qual for a estrada de acesso, seja pela via biológica simples, pelas técnicas de procriação assistida ou pela adoção (MALDONADO, 2001). Nesta perspectiva, diante de um novo cenário familiar e de formas de filiação, é que encontramos a parentalidade adotiva, um tema central nas discussões sobre famílias (GORIN et al., 2015). A fim de contextualização, a adoção vem a ser o ato jurídico determinado de uma pessoa que deseja tomar legalmente como filho uma criança não concebida por ela. O objetivo é a proteção do adotado, proporcionando a filiação não consanguínea (SILLAMY, 1998; NOVA ENCICLOPÉDIA BARSÁ, 2000). Nessa perspectiva, a expressão adoção provém do latim, *adoptio*, que significa “tomar alguém como filho”. Assim, adotante e adotado necessitarão buscar firmar e construir vínculos afetivos semelhantes ao da filiação biológica (NABINGER, 2010). Houve épocas em que se cultivava o hábito de pronunciar que os pais biológicos eram os verdadeiros pais, o que acabava gerando muita angústia nos pais adotivos, despertando inseguranças e fantasias por se sentirem pais “de segunda categoria” e por acreditar que “o sangue falaria mais alto” (MALDONADO, 2001).

A adoção, em todas as épocas, existiu de forma desordenada, repleta de segredos, e até há pouco tempo atrás atendia mais às necessidades dos adultos pretendentes do que do sujeito a ser adotado (NABINGER, 2010). Com a Constituição de 1988, houve uma modificação na nomenclatura utilizada para designar as experiências de adoção. O termo “filho adotivo” deixou de ser formalmente utilizado e se passou a usar o termo “adoção”, entendida como meio para a filiação, que é única. Nessa perspectiva, com a sentença judicial e o registro de nascimento, o adotado passa a ser integralmente filho. De acordo com a lei, os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, necessitam ter os mesmos direitos e qualificações, sendo proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação (LÔBO, 2011).

A construção do processo adotivo inicia-se pela impossibilidade de os pais biológicos permanecerem com seus filhos e pela disponibilidade encontrada em outras pessoas, com motivações diversas, para cuidar dessas crianças. Desse modo, no alicerce de qualquer adoção, é possível encontrar uma história de rompimento precoce dos vínculos afetivos. Para isso, é esperado que os pais substitutos possam oferecer uma base segura para o desenvolvimento das potencialidades da criança, possibilitando a satisfação de suas necessidades básicas e a

elaboração dos traumas advindos da ruptura dos primeiros laços afetivos (OTUKA, et al., 2009). Os pais adotivos assumem um papel importantíssimo na reconstrução da identidade de seus filhos, sendo fundamental para estes a construção simbólica de sua história de vida anterior. Quando tratamos do tema parentalidade adotiva, ou seja, quando o caminho da adoção é escolhido, podemos dizer que os pais passam a viver uma “gravidez emocional” que, em alguns aspectos, se assemelha à gravidez biológica, permeado por dúvidas e fantasias. Porém, na adoção, a gestação deste filho não possui um prazo e implica em uma espera, que pode ser repentina ou demorar anos, o que contribui para a criação de dificuldades em torno de quando preparar o quarto, quando falar sobre essa espera com os outros filhos, quando prepará-los para a chegada do irmão ou irmã e quando e como comunicar essa espera aos familiares e amigos (MALDONADO, 2001; NABINGER, 2010).

Nesse sentido, o plano de adoção se configura em um processo longo e que não deve ser apenas desenvolvido, organizado e amadurecido pelo casal adotante, mas também pelo seu entorno familiar. Quando existem filhos biológicos, é necessário um diálogo que os inclua, uma vez que a adoção, no caso de pais com filhos biológicos, levará à constituição de uma nova configuração familiar, a partir da inserção de um novo membro (OTUKA, et al., 2012).

As experiências de adoções que dão certo apontam que é necessário que os pais pretendentes tenham claro que desejam um filho e que não estão apenas fazendo o bem, pois a filiação inclui vivências e emoções diversas, e as famílias devem estar preparadas para os desafios diários. O fortalecimento da vinculação, seja ela adotiva ou biológica, implica a construção do pertencimento do sujeito em uma história familiar, da qual este necessariamente precisa sentir-se parte integrante (FALEIROS; MORAES, 2014). Na perspectiva dos pais adotivos, a razão manifesta para a escolha da adoção é o desejo de ter um filho. Como em toda decisão por um filho, a adoção exige tempo de reflexão e incorporação da ideia. No entanto, este é um cenário com especificidades. Os pais devem reconhecer como filho a criança gerada por outro (MACHADO, et al., 2015). Os pais adotivos precisam estar preparados para lidarem com as angústias, os medos e outros sentimentos que possam vir a surgir após a adoção, por isso é muito importante um amadurecimento dos pretendentes durante todo processo. Deve estar claro aos pais, qual o lugar que o sujeito adotado irá ocupar em suas vidas (PERETTO et al., 2013).

5 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com delineamento qualitativo, de corte transversal e do tipo exploratória, na qual se adotou o estudo de casos múltiplos como estratégia metodológica. A escolha por este tipo de método de investigação se deve ao objetivo de ampliar a compreensão do objeto de estudo a partir de uma multiplicidade de casos que compõem o plano de análise para se estudar um fenômeno. O estudo de caso é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno moderno no seu contexto real (YIN, 2005). Em relação à pesquisa exploratória, Gil (2010), destaca que esta tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e favorecendo o levantamento de hipóteses.

5.1 Participantes

Participaram da pesquisa quatro casais de pais, com idades entre 35 e 55 anos, casados ou em união estável e que vivenciam de forma simultânea a parentalidade biológica e a adotiva. No Quadro 1 encontram-se descritas as características sócio demográficas das famílias.

Quadro 1 - Caracterização das famílias

	Casal A		Casal B		Casal C		Casal D	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Idade	35	35	39	37	38	43	51	55
Escolaridade	Pós-Graduação	Pós-Graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Graduação	Pós-graduação	Graduação	Graduação
Situação conjugal	Casados		Casados		Casados		União estável	
Nº de uniões (1ª ou mais)	1ª união		1ª união		1ª união		1ª união	2ª união
Nº de filhos	2		3		2		6	
Filiação biológica	1		1		1		<i>Não possui</i> 2	
Filiação adotiva	1		2		1		4	
Idade e sexo dos filhos	Filho biol.: 5a, Masculino Filha adot.: 10a, Feminino		Filho biol.: 11a, Masculino. Filha adot.: 8a, Feminino Filha adot.: 4a, Feminino		Filho biol.: 7a, Masculino Filha adot.: 1a e 8m, Feminino		Filho biol.: 30 a, Masc. Filho biol.: 24 a, Masc. Filho adot.: 13 a, Masc. Filha adot.: 8 a, Feminino Filho adot.: 6 a, Masc. Filha adot.: 5 a, Feminino	
Escolaridade dos filhos	Educ. Inf. 5º ano Ens. Fund.		5º ano Ens. Fund. 2º ano Ens. Fund. Educ. Infantil		2º ano Ens. Fund Não frequenta		Graduação Graduação 8º ano Fund. 3º ano Fund. 1º ano Fund. Educ. Inf.	
Tempo de adoção	1 ano		1 ano		2 anos		1a e 3m. (filhos adotivos mais novos) 8 m (filho adot. mais velho)	
Idade que o(a) filho(a) chegou a família	8 anos e 11 m		7 anos 3 anos		5 dias		Filho adot.: 13 anos Filha adot.: 7 anos Filho adot.: 5 anos Filha adot.: 4 anos	

Fonte: A pesquisadora

5.2 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada a partir de um contato com os responsáveis pela coordenação do *Grupo de Apoio à Adoção - Pais do Coração*, uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo trabalhar em prol da cultura da adoção no município de Erechim, Rio Grande do Sul. Foi criado um convite (APÊNDICE A), pela pesquisadora, o qual foi divulgado pelos coordenadores nos grupos de adoção por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. Nestas condições, os interessados em participar da pesquisa fizeram um contato com a pesquisadora por meio de e-mail e WhatsApp e, em seguida, foram agendadas uma data e horário para realização da entrevista conforme a disponibilidade de cada casal de pais.

Todos os participantes estavam vinculados à **grupos de apoio, sendo** que **três** casais frequentavam o grupo acima **citado e um** casal frequentava outro **grupo** pertencente a cidade que residiam. Foram entrevistados ambos os cônjuges conjuntamente, em um encontro, com tempo entre 50 e 60 minutos aproximadamente. Duas entrevistas foram realizadas no local de convivência das famílias, garantindo o sigilo das informações e o conforto dos respondentes.

Uma das entrevistas, foi efetivada por meio de um programa de comunicação de vídeo online, o Skype, em decorrência de o casal participante residir em outra cidade. Ainda, um casal de pais solicitou que a entrevista fosse realizada em outro local que não sua casa, por isso a mesma foi conduzida no Consultório de Psicologia particular da pesquisadora. Neste caso, os participantes foram lembrados de que o local estaria sendo utilizado para a finalidade de pesquisa, não se constituindo como uma entrevista clínica, e sem nenhum custo para os participantes.

Os dados foram coletados no período de Agosto e Setembro de 2018, sendo áudio-gravados e transcritos de forma literal. As identidades dos participantes foram mantidas em sigilo, preservadas pelo uso da expressão, Casal A, Casal B, Casal C e Casal D.

5.3 Instrumentos

Foram utilizados: (a) *Questionário de caracterização sociodemográfico* (APÊNDICE B), que continha questões relativas aos genitores como idade, escolaridade, situação conjugal e/ou estado civil e questões relativas ao(s) filho(s) como idade, escolaridade, número de filhos biológicos e adotivos, tempo decorrido desde a adoção e idade do filho adotivo quando chegado à família); (b) *Entrevista semiestruturada* (APÊNDICE C), com roteiro desenvolvido pela

pesquisadora. A entrevista foi baseada nos objetivos da pesquisa, constituindo-se em 10 questões abertas que exploraram a experiência de cada casal em relação à parentalidade adotiva simultaneamente com a parentalidade biológica, considerando as modificações ocorridas desde a chegada do filho biológico e do adotivo, os motivos que levaram à adoção, as alterações na família diante das duas formas de parentalidade, bem como os desafios enfrentados e o manejo dos mesmos.

5.4 Procedimentos de análise de dados

Os dados coletados foram examinados tendo como referência os princípios de Análise de Estudos de Casos Múltiplos propostos por Yin (2005). Optou-se por utilizar a estratégia de análise de casos cruzados baseada em proposições teóricas. A análise de casos cruzados permite a exploração do fenômeno estudado por meio de múltiplos casos. Por sua vez, a estratégia baseada em proposições teóricas ajuda a considerar as evidências de forma justa e a organizar o estudo de caso a partir de elementos teóricos considerados relevantes pela pesquisadora.

Assim, os dados obtidos a partir de cada caso foram analisados qualitativamente à luz de temáticas elencadas previamente pela pesquisadora a partir dos objetivos da pesquisa, quais sejam, *(a) parentalidade biológica e adotiva*, que contempla a transição dos casais para a parentalidade biológica, os aspectos envolvidos na escolha pela adoção, a transição dos casais para a parentalidade adotiva e as modificações ocorridas após a chegada do filho adotivo na família; *(b) vivências da parentalidade biológica e adotiva*, que inclui os desafios que os casais vivenciaram diante das duas formas de parentalidade biológica e adotiva, bem como a forma com que eles tem manejado estes desafios. Com esta estratégia, buscou-se valorizar a subjetividade e o discurso parental, relacionando com as formas de parentalidade biológica e adotiva, para que assim se possam interpretar os resultados de forma clara, promovendo reflexões diante da temática pesquisada. Para melhor contextualização, cada caso foi descrito separadamente, preservando a história dos pais e sendo compreendida cuidadosamente, levando em conta o contexto e as particularidades de suas experiências, para depois ser analisado de maneira cruzada. Deste modo, as experiências dos quatro casos foram analisadas de maneira transversal, a fim de compreender o conjunto das experiências. A leitura descritivo-analítica das entrevistas envolveu leitura exaustiva, organização das informações a partir dos temas já descritos, sistematização dos dados e construção do diálogo entre os dados e a literatura, permitindo a discussão e a formulação de conclusões, que embora provisórias, possam atuar

como norteadoras de novos estudos sobre as vivências da parentalidade adotiva em pais com filhos biológicos.

5.5 Procedimentos éticos

A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim sob o Parecer Consubstanciado de número 2.736.921. Nessa perspectiva, os participantes concordaram com a pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), no qual estavam claros os objetivos da pesquisa e as questões éticas inerentes a ela.

A participação na pesquisa ofereceu riscos mínimos aos participantes, sendo o maior risco a possibilidade de se emocionarem ou se sentirem desconfortáveis com alguma pergunta.

A voluntariedade da participação e o sigilo no tratamento dos dados foram assegurados aos participantes.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo desta pesquisa foi investigar como é vivenciada a parentalidade adotiva, na perspectiva dos pais que experienciam simultaneamente a parentalidade biológica. Por esse motivo, foi desenvolvida uma breve descrição de cada caso, seguida pela análise cruzada destes casos, de acordo com os objetivos da pesquisa e integrando os resultados com a literatura sobre as vivências da parentalidade adotiva.

6.1 Descrição dos casos

6.1.1 Casal A

A primeira família é composta por 4 membros. Sendo os pais, casados e em 1ª união, ambos com 35 anos de idade. Possuem um filho biológico, de 5 anos de idade, e uma filha adotiva com 10 anos de idade. A entrevista foi conduzida na residência da família e os filhos não estavam presentes no momento. Atualmente os pais trabalham e os filhos frequentam a escola. A filha adotiva chegou à família com 8 anos e 11 meses. Os pais possuem a guarda definitiva há 1 ano e 6 meses.

6.1.2 Casal B

A segunda família é composta por 5 membros. Sendo os pais, casados e em 1ª união, a mãe com 39 anos e o pai com 37 anos. Possuem um filho biológico de 11 anos, e duas filhas adotivas, irmãs, que foram adotadas simultaneamente, com 8 e 4 anos. A entrevista foi conduzida no consultório particular da pesquisadora, por solicitação dos pais. Atualmente os pais trabalham e os filhos frequentam a escola. Quanto ao tempo de adoção, os pais permaneceram 1 ano em apadrinhamento e estão com a guarda definitiva há 4 meses. As filhas chegaram a família com 7 e 3 anos de idade.

6.1.3 Casal C

A terceira família é composta por 4 membros, sendo os pais casados e em 1ª união, a mãe com 38 anos de idade e o pai com 43 anos de idade. Possuem um filho biológico com 7

anos de idade e uma filha adotiva, de 1 ano e 8 meses. A entrevista foi conduzida na residência da família. Os filhos estavam presentes no momento em que a pesquisadora chegou, e após foram encaminhados para a casa da avó. A adoção ocorreu há quase 2 anos e a filha estava com 5 dias de vida quando chegou a família. Atualmente os pais trabalham, o filho frequenta a escola e a filha é cuidada de forma alternada, entre as avós materna e paterna.

6.1.4 Casal D

A quarta família é composta por 6 membros. O casal vive em uma união estável há 7 anos e meio e possuem apenas filiação adotiva, totalizando em 4 filhos. O pai, de 55 anos, é separado e possui 2 filhos biológicos, frutos da sua 1ª união. O primeiro filho tem 30 anos e o segundo tem 24 anos. Ambos não residem com o pai. A mãe, de 51 anos, não possui filiação biológica e está em sua 1ª união. O casal optou pela adoção de um grupo de irmãos, sendo um filho de 13 anos, uma filha de 8 anos, um filho de 6 anos e uma filha de 5 anos. Atualmente o pai está aposentado e a mãe está vivendo um “ano sabático”, conforme referido pelos participantes. A entrevista foi conduzida por meio de uma transmissão de vídeo no Skype, em função de que o casal reside em outra cidade do estado do Rio Grande do Sul. No momento da entrevista, os pais estavam em sua residência e os filhos na escola. A adoção dos filhos mais novos ocorreu há 1 ano e 3 meses e do filho mais velho ocorreu há 8 meses.

6.2 Análise cruzada dos casos

6.2.1 Constituição da parentalidade biológica e adotiva

Neste tópico será discutida a transição dos casais para a parentalidade biológica e, por conseguinte, os aspectos envolvidos na escolha pela adoção. Além disso, inclui-se neste mesmo tópico, a transição dos casais para a parentalidade adotiva e as modificações ocorridas após a chegada do filho(a) adotivo(a) na família. Primeiramente, em relação à transição dos casais para a parentalidade biológica, observou-se por meio de seus discursos a existência de uma mudança significativa na rotina. O nascimento do primeiro filho biológico implicou em um processo intenso para toda a vida da família em constituição. Destaca-se ainda que em três casais, a primeira gestação se efetivou por vias naturais e em um casal foi por meio de fertilização in vitro. Todos os entrevistados expressaram a chegada do primeiro filho como uma experiência positiva, embora sofrendo ajustes e adaptações com a chegada de um novo membro na família,

como apresentado nos relatos a seguir:

“(...) o bebê tem uma rotina muito específica, então a gente acaba fazendo a rotina da família e da casa, principalmente nos primeiros meses, a partir da rotina do bebê (...) eu percebo, que depois (...) de um ano e meio, acho que a gente vai se adaptando com a nova rotina” (mãe A).

“(...) quando chega um filho né, é mais uma pessoa, são interesses que a gente tem que atender né e muda alguns objetivos em função de atender o interesse de todos né, mas eu assim, avalio como saudável, positivo né” (mãe B).

“(...) tem um outro membro da família né, te implica um ajuste total assim... de horário... a própria questão do casal, vai ter uma mudança né” (pai A).

“(...) a gente já se depara logo no início com uma falta de preparo né (...) que por mais que tu sonha, que tu pensa, (...) a gente vê que não tá bem preparado (...) O dia que ele nasceu (...) foi um dia bem especial né, e assim até pela dificuldade que a gente teve e tal e ter conseguido né (...)” (mãe C).

“a sensação foi uma sensação de plenitude né de ver (...) a sequência de uma família se construir” (pai D).

Segundo Lebovici, (2004) o processo de construção da parentalidade desafia o sujeito a reorganizar seus investimentos narcísicos e objetais, transformando a economia psíquica do sujeito e a dinâmica relacional do casal. Além disso, de acordo com Cecílio e Scorsolini-Comin (2016), a partir do momento em que o casal passa a desempenhar as funções de pai e mãe, essa transição para a parentalidade se configura como um momento delicado, no qual ambos precisam promover diversos ajustes para a chegada do(a) filho(a). A parentalidade compreende, portanto, a necessidade de um processo de preparação, considerando-se sua complexidade dentro dos fenômenos naturais de parentesco (SOLIS-PONTON, 2004).

Além das mudanças na rotina dos casais, notou-se a existência do desejo destes em se tornarem pais. Vinculado a esse desejo, evidenciou-se um planejamento por parte das famílias, bem como a percepção de que a parentalidade havia contribuído para um amadurecimento pessoal, conforme observado nos relatos:

“(...) ter um filho assim, acho que é muito importante na questão planejamento. (...) nós planejamos o F1 [filho biológico] e a gente sabia que nós íamos ter que abrir mão (...) das nossas vidas e fazer um (...) rearranjo da família (...). A mudança (...) falando em crescimento como pessoas (...) tem que ser... na dor né, por que tu tem que aprender tudo aquilo ali, (...) então por mais que tu tenha que se doar 100% para

aquela criança e ao mesmo tempo (...) tu tem que ser pai, tu tem que ser marido (...) profissional (...) Eu acho que o crescimento é muito grande” (pai B).

“(...) tudo bem programado (...) E aí realmente assim (...) as duas gestações [referindo-se à biológica e à adotiva] dá para se dizer assim, que foram planejadas e programadas né... o filho já era desejado antes, mas assim, (...) a efetivação sempre foi programada, planejada” (mãe A).

“(...) mas essa (...) experiência a gente se preparou pra ela no sentido do quanto a gente desejou que isso acontecesse né... Então as dificuldades a gente fazia questão também de aprender (...)” (pai C).

Neves et. al (2013), destacam que planejar a gestação está relacionado com a vontade de atingir um amadurecimento da relação conjugal, tornando-se necessário para o casal quesitos como independência financeira e realização profissional. De acordo com Cruz e Mosmann (2015), a idade e a experiência de vida dos cônjuges podem ser facilitadoras do processo. Neste sentido, destaca-se que a idade dos participantes no momento do nascimento do primeiro filho oscilou entre 25 e 36 anos, e que estes já estavam há algum tempo de sua vida vivendo como casais, possuindo uma estabilidade profissional e financeira, podendo assim, estarem mais preparados para certas responsabilidades, como assumir um filho.

Em relação aos aspectos envolvidos na escolha pela adoção, observou-se por meio dos relatos dos casais que cada um teve um motivo específico na escolha pela adoção. Entre estes motivos, destacam-se a dificuldade em ter filhos biológicos por vias naturais, seja por problemas de saúde ou idade muito avançada. Evidenciou-se também o desejo de ter mais de um filho, independente por qual via se realizaria. A seguir exemplificam-se algumas falas:

“(...)No início do nosso relacionamento e casamento a gente já falava, eu principalmente já falava nessa questão da adoção. Eu sempre me vi mãe, mas não necessariamente, gerando né, tendo essa necessidade de gerar um filho (...) tinha desejo de ter um filho e essa questão de gerar pra mim não era assim algo (...) fundamental... Eu me via sendo mãe, mesmo que a criança não tivesse as minhas características, mesmo que não viesse da minha barriga, enfim” (mãe A).

“(...), a gente queria garantir a nossa paternidade né, no sentido de que a gente (...) sempre pensou em ter mais de um filho (...) (pai C).

“(...) nós tentamos durante dois anos, por vias naturais e... chegou num ponto que eu disse pra ela [mãe], que a idade dela já começava a apresentar riscos pra gravidez.

Aí nós não quisemos fazer processos in vitro, processos de fertilização artificial, (...) não fizemos nada desse processo e a nossa opção logo em sequência era adoção” (pai D).

“(...) a gente já sabia que seria difícil pra nós termos filhos biológicos né, (...) mas a gente resolveu tentar naturalmente até onde deu né. E aí quando a gente foi partir pra esse outro caminho a gente já entrou já se habilitou né pra adoção” (mãe C).

Scorsolini-Comin et al. (2006), destacam a importância de compreender o lugar ocupado pela adoção no imaginário dos pais visto que a relação entre filho adotivo e pais adotantes é influenciada pelas motivações da adoção.

No que se refere à transição dos casais para a parentalidade adotiva, bem como as mudanças ocorridas após a chegada do filho (a) adotivo (a) na família, os entrevistados nomearam novamente a mudança de rotina, planejamentos, bem como se adaptar com um novo membro na família. A seguir algumas falas para exemplificar:

“(...) foi uma mudança de rotina de novo né (...) Então com a chegada de um novo membro assim, desorganiza a rotina que existe, (...) a gente faz bastante esforço pra que ela permaneça, mas, desorganiza né” (mãe A).

“nossa, na verdade tudo mudou (...) mudou a questão casa, mudou a questão horários, mudou a questão prioridades novamente né, por que (...) estava estabelecido já uma sistemática da família com o F1 [filho biológico] e agora que tem elas duas mudou totalmente assim (...) os primeiros meses assim são muito desgastantes, muito mesmo. Por que por mais que a gente tenha se preparado, muito sabe, (...) foi muito desgastante no início” (pai B)

“(...) eu também assim, eu levei dias assim até cair a ficha né, apesar de ser ótimo e tudo assim, a gente meio que perdido né o nosso referencial todo aqui mudou né e a gente foi aos pouquinhos se organizando(...)” (mãe C).

Foi pontuado pelos casais uma diferença entre o tempo de espera e planejamento na gestação biológica e na adoção. Nesse sentido, um desafio igualmente específico dos pais adotivos se refere ao tempo de espera pela chegada do filho. Evidenciou-se que enquanto os pais biológicos concebem a transição para a parentalidade com a certeza de que o(a) filho(a) chegará num tempo aproximado de 9 meses, os casais adotantes não sabem ao certo com o que contar, uma vez que o tempo de espera pode ir de meses a vários anos, como pode-se visualizar nas falas seguintes:

“eu vejo assim que quando tu tá gerando o filho, que ele está ali na tua barriga, tu tem nove meses pra se familiarizar com a ideia, e quando tu tá na gestação (...) adotiva ela (...) é longa e tu nunca sabe quando ela vai terminar a gestação (...) e realmente a gestação pela adoção ela é mais dolorida, ela é sofrida (...)” (mãe A).

“(...)o preparo do dia da chegada do F1 [filho biológico] (...) foi diferente, foi um preparo que a gente teve tempo de saber. E uma adoção é ótima, maravilhosa é uma coisa que a gente sempre quis muito (...), mas é um choque, é uma mudança, é um ‘pá’ (...) já tem que trocar o pneu com o carro andando né, quando é adoção é mais ou menos isso (...)” (pai C).

A literatura aponta para a existência de um fenômeno chamado “gestação adotiva”, vivenciado pelos pais adotantes durante o momento de espera pelo filho adotivo. A “gestação adotiva” é singular, longa e sutil, por não ocorrer mudanças no corpo da mulher, não ser visível aos olhos dos outros, e por isso mais simbólica do que uma gravidez biológica (HUBER; SIQUEIRA, 2010). Percebe-se, contudo, que ela é passível de ser ressignificada quando a criança chega ao lar e os pais tomam conhecimento de parte de sua história:

“(...) mais ou menos o tempo que a gente fez o tratamento [a segunda tentativa in vitro] é o tempo que a mãe biológica da F2 [filha adotiva] engravidou dela e (...) gerou ela né... então assim (...) a gente não engravidou, por que a gente já estava grávido da F2 né... o nosso coração já estava grávido (...)” (pai C).

Ainda em relação às mudanças após a chegada do filho adotivo, observou-se que algumas sensações se assemelharam com a chegada do filho biológico, conforme visto nas falas a seguir:

“ (...)as emoções são praticamente as mesmas né, a sensação de chegar, de estar chegando perto o dia de conhecer, de ver pela primeira vez, de dar um abraço, de sentir perto, de sentir o cheiro, são praticamente as mesmas né... claro pra nós que vivíamos já há alguns anos só nós dois, botar mais 3 crianças dentro de casa (...) muda tudo” (pai D).

“ (...) pra mim bom, é... marinheira de primeira viagem assim, foi tudo novo né (...) sentimento assim aquela (...) ansiedade, a expectativa da vinda, a espera, eu (...) antes de tê-los, (...) essa preparação é como uma mãe (...) de barriga né, está preparando tudo, mudar o quarto 3 vezes, pintar 3 vezes, por causa da ansiedade, pra ver passar o tempo e guardando coisas. e mais no momento que chega a gente cai na realidade e pensa assim ai né... realmente agora chegou a hora, os filhos vieram e aquele

momento de esperar nós ficamos ansiosos como será que eles são, e a gente quando se conheceu, foi numa praça da cidade não foi no lar, onde levaram as crianças, então foi assim ó... foi um momento divino... (mãe D).

Morelli et al. (2015) assinalam que mães e pais que aguardam na fila de adoção e anseiam pela chegada do filho adotivo devem adaptar o espaço psíquico e físico para a sua chegada. Para estes autores, tanto o ambiente físico quanto o psíquico interferem na constituição subjetiva do adotado, mesmo antes de sua chegada de fato. É importante que os pais e mães por adoção estejam abertos à adaptação e elaboração psíquica, próprias desta forma de parentalidade. Neste processo, o planejamento tem um papel relevante.

Criar planos sobre o ser mãe e/ou pai se refere a se colocar em uma posição de empatia e compartilhamento com o outro. Conscientizar-se das ações de ter um filho e sonhar com a adoção também são aspectos importantes do planejamento da parentalidade. Outro ponto relevante é a autonomia, uma vez que o planejamento da parentalidade deve partir de uma opção pessoal daqueles que almejam se tornar (SANCHES; SIMÃO-SILVA, 2016). Estes apontamentos sugerem um trabalho emocional por parte dos pais e mães no sentido de se preparar para a parentalidade por adoção. Nesse sentido, a espera, por vezes, demasiada, também pode oportunizar um amadurecimento e redimensionamento, colocando a adoção num plano mais real e menos idealizado por parte dos candidatos (NABINGER, 2010).

Todas as famílias entrevistadas, cada uma em sua singularidade, buscaram se preparar para adotar, bem como preparar os filhos biológicos. Destaca-se a importância da participação dos casais em grupos de apoio à adoção, que de alguma forma, é uma via que os pais utilizam para poder dar conta das dificuldades, buscar se preparar e conhecer outras realidades. Nestes espaços eles encontram a oportunidade para verbalizarem e dividirem as suas experiências, podendo também auxiliar outros casais pretendentes a adoção ou que estejam vivenciando-a.

De acordo com Sampaio, et al. (2018), nos últimos anos, muitos avanços foram alcançados por meio da conscientização dos pretendentes à adoção, sobretudo devido ao trabalho realizado nos Grupos de Apoio à Adoção, conforme nas falas a seguir:

*“(...) a gente faz parte do grupo de apoio (...) e aí acabamos (...) criando, estreitando os laços com aquelas pessoas e formando uma amizade, que hoje assim, os filhos fazem aniversário a gente está nos aniversários dos filhos e aquela coisa toda né (...)”
(mãe B).*

“(...) a gente sabia que juridicamente as coisas tinham um funcionamento né, e a gente tinha esse esclarecimento no grupo (...)” (pai B).

Também, os casais sentiram que receberam apoio da família extensa, embora em algumas situações apareceram certas resistências por algumas pessoas da família extensa ou curiosidades quanto à adoção, mas os pais referem que souberam lidar bem com a situação:

“(...)até hoje eles nos ajudam porque eles são a nossa rede de apoio né. A F2 [filha adotiva], ela não vai na escola ainda, mas pra eu ir trabalhar ela fica com as nossas mães né, elas se dividem pra cuidar dela, sempre nos ajudaram nesse sentido” (mãe C).

“(...) sempre falava assim, colocava isso com uma realidade assim pra ele, que um dia o mano ou a mana poderia chegar e que provavelmente o mano ou a mana chegaria maior, isso a gente já tinha assim claro (...)” (mãe A).

Segundo Nabinger (2010), com relação às necessidades da criança, existem diferentes tipos de adoção, sendo destacadas aqui *(a) adoção precoce*, que se refere a adoção de bebês de até três anos, sendo esta a faixa etária mais procurada entre as pessoas que buscam adoção; *(b) adoção tardia*, que compreendem crianças maiores de três anos, incluindo adolescentes iniciais e finais; *(c) adoção de grupo de irmãos*, que é a adoção de duas ou mais crianças irmãs pelos mesmos adotantes. Notou-se que os casais entrevistados tiveram tipos de adoções diversificados, que contemplam os citados acima. Pode-se perceber que cada casal optou pelo tipo de adoção de acordo com as suas motivações e particularidades, embora três deles tenham modificado o perfil da criança a ser adotada com o passar do tempo de espera. Este processo pode ser considerado um amadurecimento e maior compreensão do processo de adoção, amparado pela busca de informações e pelas redes de apoio voltadas ao tema da adoção, como na fala a seguir:

“(...)a gente tinha um perfil de criança de até (...) 2 anos e 5 meses. Quando a gente estava há 1 ano na fila, a gente mudou esse perfil (...) por que a gente começou a estudar e (...) ver a realidade da adoção, que as crianças que estavam para adoção, realmente são crianças maiores, (...) e que a gente na condição de pais e de adultos (...) a gente teria essa (...) possibilidade né, a gente se sentia capaz de estar tendo um filho pela adoção um pouco maior (...) Daí a gente passou pra 4 anos e 11 meses. (...)”

E aí (...) estávamos praticamente com dois anos e nós decidimos, aumentar pra até 9 anos (...)" (mãe A).

6.2.2 Vivenciando a parentalidade

Este tópico inclui os desafios que os casais vivenciaram diante das duas formas de parentalidade biológica e adotiva, bem como a forma com que eles têm manejado estes desafios.

Os casais comentaram que existe inicialmente o desafio em relação ao comportamento dos filhos adotivos em casa e na escola, como também a relação fraterna apresentada. Ainda, os pais nomearam que é um desafio a diferença de idade entre os filhos, tanto biológicos quanto adotivos, pois cada fase tem as suas particularidades:

"(...) pra mim assim o maior desafio é transparecer e deixar claro pros adotivos que o tratamento é igual. Por que assim (...) pra nós não tem distinção se é adotivo ou biológico, nós amamos os três da mesma forma, na mesma intensidade, por que a gente foi se preparando pra isso. Mas na cabeça delas existe essa diferença de tratamento" (pai B).

"a gente tem vivenciado isso com as duas, cada um na sua proporcionalidade de idade né, então a F2 [filha adotiva] com bastante dificuldade de aprendizagem (...) e a pequena [2ª filha adotiva] a questão do comportamento né... que ela vive no modo sobrevivência..." (mãe B).

Observou-se também, segundo os pais, o desafio de instituir uma rotina na vida da criança que chega. A rotina vivenciada pelas crianças no abrigo, para a maioria dos pais, era muito diferente da vivenciada nas famílias. Como já mencionado anteriormente pelos pais quanto às mudanças advindas após a adoção, estas causam uma alteração ainda maior que com a chegada do primeiro filho biológico, tanto para os pais, que precisam reorganizar a sua rotina, quando para os filhos, que são inseridos em um novo contexto:

"então até a gente (...) intensificou a nossa rotina, (...) ficávamos em casa (...) então justamente pra gente proporcionar o máximo de convívio com ela na família pra ela criar esse vínculo e pra ela se sentir (...) inserida enfim" (mãe A).

(...) tipo ele fazendo o tema, antes era exclusivamente eu e ele ali né, ele não precisava de muita ajuda, mas quando ele pedia eu estava ali inteiramente pra ele, agora ele tem que se organizar e fazer o tema enquanto a F3 [filha adotiva] está dormindo por que quando ela acorda deu né (...) então é essa adaptação dele nesse mundo com irmãos"(mãe B).

Nesse sentido, outro desafio que os pais apontaram foi em relação a instituir regras e limites para os filhos, da mesma forma como foi para os filhos biológicos. Com os filhos adotivos, os pais assinalaram esse processo como mais intensificado durante o dia a dia, visto que as crianças possuem uma história de vida anterior e também a vivência em casas-abrigo.

“(...) uma coisa que eles parece que gritavam, eles precisavam de limite (...) eles pedem demais limite, eles pedem pra ter uma rotina, pra ter alguém que seja preocupado, que eles não precisem se preocupa (...) eles querem receber um não, eles querem alguém que controle que possa dar base pra eles poderem não se preocupa com a vida deles enquanto eles são crianças(...)” (pai D).

“às vezes a gente tem que chamar a atenção dela, já mesmo ela sendo tão pequena, então a gente tem que ser firme porque é como a gente criou o F1 [filho biológico], a gente cria ela né então esses são os nossos desafios (...)” (mãe C).

Em relação ao manejo dos desafios, compreende-se que os casais buscam um diálogo tanto com os filhos biológicos quanto com os filhos adotivos, na questão de limites e regras, de chamar a atenção, de organizar ou colocar em ordem algumas desordens das crianças. No entanto, grande parte dos pais nomearam que necessitam impor mais regras e limites para os filhos adotivos, devido à sua história prévia.

Ficou evidente que, em relação aos desafios, os pais precisaram fazer todo um movimento de compreensão do filho que está chegando, que além de haver uma adaptação da criança na família adotiva, o casal também precisa se adaptar à criança. Nas entrevistas se constatou que os pais experienciaram a parentalidade adotiva de forma mais intensa que a biológica. No entanto, os pais nomearam que a parentalidade é construída diariamente e, assim como é uma construção com a chegada do filho biológico, também o é com o filho adotivo, que possui ainda algumas especificidades:

“(...) eu acho que assim, esse processo foi realmente gradativo e foi uma mudança assim, (...) que eu fui amadurecendo pra isso né, então quando a gente tomou essa decisão, a gente estava preparado pra isso. Lógico que depois que o filho chega outros desafios vem, mas assim, (...) talvez não seja preparado, mas a gente estava consciente de que essa criança maior viria com a história dela e com a vivência dela e que quem tinha que dar conta era muito mais nós do que a criança em si” (mãe A).

Apesar dos desafios em relação ao manejo, observou-se que, embora as dificuldades, os pais notam mudanças de comportamento nos filhos adotivos, e referem a questão afetiva deles com os filhos e dos filhos para com eles como um elemento construído e fortalecido com o passar do tempo:

“mas cada dia é uma evolução, a gente nota assim ó, todo dia (...) tem um problema (...) mas a gente nota a evolução, tem toda essa dificuldade? Tem, mas assim (...) a questão do amor delas (...) é uma coisa que não tem explicação assim sabe, por que eu acho que elas passaram tanto tempo da vida delas sem isso, que o amor delas, a afetividade delas é muito puro” (pai B).

“o amor deles é um amor incondicional, não é um amor que eles foram obrigados a ter por serem filhos (...) por que nasceram naquela família, não, eles também tiveram que nos adotar, também tiveram que transportar o amor deles, o jeito deles, a vida deles” (pai D).

“(...) a gente precisava fazer um laço, a gente precisava ter um vínculo, sabe... por que ela já tinha tido muita (...) vinculação sem se vincular, digamos assim. Teve muitas experiências de troca e tal” (pai A).

“(...) a gente olhando hoje essas crianças assim são outras totalmente diferentes (...)” (pai D).

Notou-se que a situação vivida anteriormente pela criança pode dificultar o processo de adaptação dela em um novo ambiente, acarretando em um desafio por parte dos pais em criar novas formas de vinculação, mas que se observou que esse processo está tendo êxito. Quando se fala em vínculo afetivo, fala-se sobre um tipo particular de relações com outrem. É falar de uma dinâmica em contínuo movimento, que funciona ativada por emoções, sentimentos, envolvendo o desejante e o desejado e o reconhecimento do querer-se. Em uma vinculação adotiva não é possível descartar a herança genética, porém é preciso ter claro que não é isso que determina a qualidade do vínculo, mas a forma como a origem da criança será durante a convivência com a sua nova família, a comunicação e os laços construídos (FALEIROS; MORAES, 2014).

6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos da pesquisa, foi possível compreender a transição dos participantes tanto para a parentalidade biológica quanto a adotiva, evidenciando os aspectos envolvidos na escolha pela adoção, podendo relatar as percepções dos pais diante do processo de transição e vivências da parentalidade adotiva.

Ainda, a pesquisa permitiu analisar as modificações ocorridas nas famílias após a adoção, compreendendo os desafios enfrentados e o manejo destes pelos pais, perante as duas formas de parentalidade. Nessa perspectiva, a partir da análise dos aspectos mais relevantes que emergiram nas entrevistas, considera-se que as vivências da parentalidade adotiva na perspectiva de pais com filhos biológicos, trazem à família muito mais mudanças e adaptações comparadas com a parentalidade biológica, principalmente em relação à rotina logo após a chegada do(a) filho(a) adotivo(a). A partir dos discursos dos pais, notou-se que, embora eles tenham passado por um preparo anterior e experienciado a parentalidade biológica, a chegada de um filho por adoção e a vivência da parentalidade adotiva é sentida de uma forma mais intensa, desde em relação ao tempo de espera da gestação biológica e do tempo da gestação adotiva. Nesse sentido, percebeu-se que a parentalidade adotiva é vivenciada como um processo longo em que todos os familiares se transformam para a construção de um ambiente saudável, seguro e favorável ao desenvolvimento da criança em seu novo lar.

Ainda, considera-se que os desafios enfrentados pelos pais e a maneira como cada um acolheu e lidou com os mesmos, foi fundamental para garantir o fortalecimento do vínculo entre os pais e os filhos. Os pais referenciaram a importância de se preparar para a adoção, e que além do preparo particular de cada família, foram nos grupos de apoio a adoção que eles encontraram auxílio e suporte. Destacamos que os casais que se voluntariaram a participar da pesquisa, decorreram de grupos de apoio à adoção, sendo que se observou que é ali que eles encontram espaço para discutirem e compartilharem as suas vivências.

A pesquisa possibilitou compreender o quanto os grupos de apoio a adoção são instrumentos importantes em todo esse processo. Salienta-se que os afetos entre os pais e os filhos, podem ser considerados um dos principais pontos para uma relação saudável de parentalidade, pois, a partir deles, observou-se que a família constrói um caminho conjunto, unindo-se e adotando-se uns aos outros. Destaca-se que os casais nomearam as suas participações na pesquisa como positivas e que sempre buscam contribuir para a cultura da adoção. Notou-se que as entrevistas com os pais proporcionaram momentos de muito

aprendizado e de promoção de saúde mental aos mesmos, no sentido de que o movimento deles em compartilhar das suas histórias de vida em família, mostraram as ressignificações, as suas conquistas, os seus laços e enlaços de afeto e cuidado, contribuindo significativamente para refletir e aprofundar novos conhecimentos sobre outros formatos de família e novas formas de exercício da parentalidade. Assim sendo, a pesquisa possibilitou refletir sobre novos estudos, como por exemplo, a percepção de filhos adultos biológicos sobre a adoção de seus irmãos e ainda, outras pesquisas com um maior número de casos para verificar semelhanças e diferenças entre as vivências da parentalidade adotiva precoce e da parentalidade adotiva tardia na perspectiva de pais com filhos biológicos.

REFERÊNCIAS

ADOÇÃO. In: NOVA ENCICLOPÉDIA Barsa. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 2000, v. 1, p. 93.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19835>.

CECÍLIO, M. S.; SCORSOLINI-COMIN-, F. Parentalidades adotiva e biológica e suas repercussões nas dinâmicas conjugais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36 n. 1, p. 171-182, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0171.pdf>.

CRUZ, Q. S.; MOSMANN, C. P. Da conjugalidade à parentalidade: vivências em contexto de gestação planejada. **Aletheia** 47-48, p.22-34, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000200003

FALEIROS, V. P.; MORAES, P. J. F. S. Desafios e possibilidades na adoção. **Serviço social & saúde**, Campinas, SP v.13 n.1 p.29-46, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8634913>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010.

GORIN, M. C., MELLO, R., MACHADO, R. N., FÉRES-CARNEIRO, T. O estatuto contemporâneo da parentalidade. **Revista da SPAGESP**, v. 16 n.2, p. 3-15, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002.

GRIZÓLIO, T, C.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. A percepção da parentalidade de cônjuges engajados em casamentos de longa duração. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 4 p. 663-674, Out./Dez. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2871/287145780014/>.

HERNANDEZ, J. A. E.; HUTZ, C. S. Transição para a parentalidade: Ajustamento conjugal e emocional. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 414-421, Out./Dez. 2009 Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1490/4926>.

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. In: SOLIS-PONTON L. (Org.). **Ser pai, ser mãe: Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 47-51. Disponível em: <http://www.minhateca.com.br>.

HUBER, M. Z.; SIQUEIRA, A. C. Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. **Psicologia: Teoria e Prática**, 12(2), pp. 200-216, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-36872010000200014.

LEBOVICI, S. Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In: SOLIS-PONTON, L. (Org.). **Ser pai, ser mãe: Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 21-27. Disponível em: <http://www.minhateca.com.br>.

LÔBO, P. **Direito civil: Famílias**. São Paulo: Saraiva, 2011.

MACHADO, R. N.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Parentalidade Adotiva: Contextualizando a escolha. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 442-451, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/19862>.

MALDONADO, M. T. **Os caminhos do coração: Pais e filhos adotivos**. São Paulo: Saraiva, 2001.

MORELLI, A. B., SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTEIRO, T. V. O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa da literatura. **Psicologia Clínica**, 27(1), pp. 175-194, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n1/10.pdf>.

NABINGER, S. **Adoção: O encontro de duas histórias**. Santo Ângelo: FURI, 2010. Disponível em: <http://cededica.org.br/>.

NEVES, A. S.; DIAS, A. S. F.; PARAVIDINI, J. L. L. A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.25(2), pp. 73-87, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200005

OTUKA, L. K.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. A configuração dos vínculos na adoção: Uma atualização no contexto latino-americano. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 475-486, 2009. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/jhgd/article/view/19935>.

OTUKA, L. K.; SCORSOLINI-COMIN; F.; SANTOS, M. A. Experiência da parentalidade adotiva na perspectiva de um casal com filhos biológicos. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, vol. 46, n. 2, p. 307-316, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28425280012>.

OTUKA, L. K.; SCORSOLINI-COMIN; F.; SANTOS, M. A. Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: Novos contextos para a parentalidade. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 30 n. 1, p.89-99, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000100010.

PERETTO, K. I. M.; VALENTE, M. L. L. C. Pensando a adoção olhando a maternagem. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 10, n. 1, p.70-96, 2013. Disponível em: <http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/viewFile/514/1056>.

SAMPAIO, D. S.; MAGALHÃES, A. S.; CARNEIRO, T. F. Pedras no Caminho da Adoção Tardia: Desafios para o Vínculo Parento-Filial na Percepção dos Pais. **Temas em Psicologia** V. 26, nº 1, pp.311-324, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tpsy/v26n1/2358-1883-tpsy-26-01-0311.pdf>

SANCHES, M. A.; SIMÃO-SILVA, D. P. Family planning: what are we talking about? **Revista Bioética**, v. 24(1), pp. 73-82, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/bioet/v24n1/en_1983-8034-bioet-24-1-0073.pdf

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMATO, L. M.; & SANTOS, M. C. Grupos de apoio para casais pretendentes à adoção: A espera compartilhada do futuro. **Revista Spagesp, São Paulo**, v.7, pp 40-50, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v7n2/v7n2a07.pdf>
SILLAMY, N. **Dicionário de Psicologia Larousse**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOLIS-PONTON, L. **Ser pai, ser mãe:** Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Disponível em: <http://www.minhateca.com.br>.

STERN, D. **A constelação da maternidade:** O panorama da psicoterapia pais-bebê. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** Planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42 n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382010000200010&script=sci_abstract.

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa “As vivências da parentalidade adotiva na perspectiva de pais com filhos biológicos” que tem como objetivo investigar como é vivenciada a parentalidade adotiva por pais que experienciam a parentalidade biológica. A pesquisa consiste na realização de um encontro com os pais no local de convivência (casa) da família ou em outro local a ser combinado entre participantes e pesquisadora, onde será realizada uma entrevista áudio-gravada, estimando-se um tempo de 90 minutos. Esta entrevista versará sobre a experiência dos participantes como pais. A participação na pesquisa não lhe trará benefícios diretos. Contudo, é muito importante, pois a sua experiência permitirá o aprofundamento dos conhecimentos existentes sobre famílias que possuem filhos biológicos e adotivos. Assim, você estará contribuindo para a sociedade como um todo e para a Ciência. A colaboração com a pesquisa envolve riscos mínimos, sendo o maior risco a possibilidade de se emocionar ou se sentir desconfortável com alguma pergunta. Caso isso ocorra, você poderá deixar de responder à questão ou encerrar a sua participação no estudo, sem prejuízo algum. Após ler este termo e receber explicações sobre a pesquisa, você tem direito de: 1- Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade (todos os documentos e dados físicos oriundos da pesquisa ficarão guardados em segurança por cinco anos e em seguida descartados de forma ecologicamente correta). 2- Assistência durante toda pesquisa, bem como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiser saber antes, durante e depois da sua participação. 3- Recusar a participar do estudo, ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrer qualquer prejuízo à assistência a que tem direito. 4- Ser ressarcido por qualquer custo originado pela pesquisa (tais como transporte, alimentação, entre outros, bem como ao acompanhante, se for o caso, conforme acerto preliminar com os pesquisadores). Não haverá compensação financeira pela participação. 5- Ser indenizado, conforme determina a lei, caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo. 6- Procurar esclarecimentos com a Sra. CRISTIANE DEON, por meio do telefone (054) 99160-1211, ou com a Sra. ANGÉLICA PAULA NEUMANN, por meio do número de telefone: (054) 99642-4182 ou no endereço, Avenida Sete de setembro, 1621, na Sala dos Professores do Curso de Psicologia, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos. 7- Entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da URI Erechim pelo telefone (54)3520-9000, ramal 9191, entre segunda e sexta-feira das 13h30min às 17h30min ou no endereço Avenida Sete de Setembro, 1621, Sala 1.37 na URI Erechim ou pelo e-mail eticacomite@uricer.edu.br, se achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como foi proposta ou que se sinta prejudicado (a) de alguma forma, ou se desejar maiores informações sobre a pesquisa.

Eu, _____, declaro estar ciente do anteriormente exposto e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Erechim, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante da Pesquisa: _____

Eu, Angélica Paula Neumann, declaro que forneci, de forma apropriada, todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Erechim, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Professor pesquisador: _____

Eu, Cristiane Deon, declaro que forneci, de forma apropriada, todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Erechim, ____ de _____ de _____.

Assinatura do aluno-pesquisador: _____

APÊNDICE A



CONVITE PARA PESQUISA
“As vivências da parentalidade adotiva na perspectiva de pais com filhos biológicos”

REALIZAÇÃO
Cristiane Deon - Aluna do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Saúde Mental, sob orientação da Prof. Dra. Angélica Paula Neumann - URI - Campus Erechim

INTERESSADOS ENTRAR EM CONTATO
(54) 9 9160-1211 (WhatsApp)
psicologiacris@yahoo.com.br

Fonte: A pesquisadora

Convite para pesquisa

Estou realizando uma pesquisa que busca conhecer a experiência dos pais que tem filhos biológicos e adotivos, como forma de ampliar os conhecimentos sobre as famílias que vivenciam a adoção. Será realizada uma entrevista conjuntamente com o pai e com a mãe. Convido para participar da pesquisa pais que tenham pelo menos um filho(a) biológico, nascido(a) antes da adoção se consolidar. Os pais poderão ter um ou mais filhos(as) adotivos(as), e deverão possuir a guarda definitiva da(s) criança(s). A participação na pesquisa é muito importante, pois a sua experiência permitirá o aprofundamento dos conhecimentos existentes sobre famílias que possuem filhos biológicos e adotivos. Assim, você estará contribuindo para a sociedade como um todo e para a Ciência. Interessados em colaborar com a pesquisa, devem entrar em contato com a pesquisadora Cristiane Deon, através do WhatsApp (54) 9 9160-1211 ou do e-mail psicologiacris@yahoo.com.br

APÊNDICE B

Questionário de caracterização sócio demográfico

Dados sobre os genitores - Casal _____

- Idade: _____
 - Escolaridade: _____
 - Profissão: _____
 - N° de uniões (1ª união ou mais): _____
 - Situação conjugal: _____
-
- Idade: _____
 - Escolaridade: _____
 - Profissão: _____
 - N° de uniões (1ª união ou mais): _____
 - Situação conjugal: _____

Dados sobre os filhos

- Idade e sexo do(s) filho(s) biológicos: _____
- Idade e sexo do(s) filho(s) adotivo(s): _____
- Há quanto tempo ocorreu a adoção: _____
- Idade que o filho adotivo chegou a família: _____

APÊNDICE C

Roteiro norteador de entrevista

1. Quais as mudanças que ocorreram na vida de vocês com a chegada do primeiro filho biológico?
2. Quais motivos os levaram a escolher pela adoção?
3. Há quanto tempo vocês são pais adotivos?
4. Quanto tempo demorou desde que entraram com o processo de adoção até o início do estágio de convivência?
5. Quais mudanças ocorreram após vocês se tornarem pais adotivos?
6. Como a família se preparou para a adoção?
7. Como os filhos reagiram e foram preparados?
8. Vocês receberam apoio de outros membros da família?
9. Quais desafios vocês enfrentam diante de serem pais biológicos e adotivos?
10. Como vocês têm manejado estes desafios?